

ALBORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 140

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 24 de Julho de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

PELA NOSSA TERRA

A feira de S. Gualter

III

E' amanhã a abertura oficial desta feira de larga tradição—falam dela decretos reais de 1511 e 1526—feira que serve de pretexto à grande Festa da Cidade e a qual apadrinhara com o nome de—Gualterianas.

Se olharmos a que estes mercados anuais veem dum tempo em que não havia por assim dizer um comércio localizado e suficientemente fornecido, porque, então, outros eram os recursos de comunicação e outras as necessidades das populações, parece que em rigor de observação temos de concluir que estas grandes feiras só hoje tem razão de ser quando se restringem a exposições e mercados demonstrativos do labor regional.

O veículo incessantemente auzado do Progresso posto ao serviço dos povos por uma solidariedade estreita de inventos industriais e convenções de comércio, leva de há bons anos a toda a parte todos os géneros de alimento, de vestir de conforto e luxo que a vida do homem sobre a terra exige e requer, tirando por sua vez todo o carácter de necessidade económica e social às grandes feiras francas anuais.

Sobre a importância das mesmas, cuja multiplicidade vem do século XIII, escreve Gama Barros, «Hist. da Administração Pública»:

«A existência das feiras é prova bem clara da actividade comercial, exercida pela forma quasi unicamente possível numa época, em que a falta de comunicação e o perigo e a despesa das jornadas tornavam de conveniência para todos, productores e consumidores, esses mercados transitórios, mas effectuados em lugar e tempo certos, onde cada qual, compreendendo uma só viagem, ia encontrar, ou saída para as suas mercadorias, ou oportunidade de se prover das que lhe eram necessárias, ou ainda ensejo, que por outro modo não se oferecia fácil, de tratar negócios com individuos que vinham de diversas e longinquas partes a um mesmo ponto de reunião. E é por isso que a sua importância decal à medida que se tornam menos difíceis as relações de comércio.»

Mas resiste a esta crítica objectiva o nosso mercado anual de S. Gualter — a feira que um admirável impulso de revivescência local fêz surgir dentro dos mol-

des compatíveis à época. Sim, não se levantam hoje ali outros arruados de barracas que não sejam para oferecer ao público espectáculos e diversões, correspondentes aos espectáculos dos cosmoramas e figuras de cera dos tempos idos, e... pouco mais que, com pretexto da ocasião, sirva de afronta ao logista que tem sua permanência no burgo.

Fora disto, é a mercancia do gado bovino e cavalari, com estímulos de prémios e óptimas transacções derivadas da atracção festiva que a reveste.

Emolduremo-la, pois, mais e mais, na impolgança dum cartaz acolhedor; tornemo-la grande, conservemo-la próspera, porque de passo que a terra se lhe oferece ensejo de progredir, á sua economia, ao seu trabalho, á sua fortuna, enfim, a feira é apreciável... se a soubermos encaminhar.

E' amanhã que principia.

Como de costume, a cidade a irá visitar, todas as noites, fazendo ali a nossa chamada «sociedade elegante» o seu rendez-vous nestas noites de calma canicular.

PÃO ESCASSO

O pão, o primeiro alimento das classes pobres, esteve no último mercado ao preço elevadíssimo de \$90.

Para quem conhece o viver da nossa população operária, comprehende como é cruento e doloroso o problema da subsistência com o pão a semelhante preço.

Os salários são escassos, muitas são, em regra, as bocas que nesses lares humildes pedem pão, e poucos os braços que o auferem — porque, é sabido, chegada a idade do trabalho, este não é para quem o procura, mas só para quem o consegue.

Enfim: a situação é má. E' urgente que se providencie, a exemplo do que entre nós já se fêz e se está fazendo ao presente noutras partes.

Se há assunto que deva merecer cegueiras e cuidados, este é o primeiro.

Anda o desconforto a ferir a gente obreira desta pacata terra.

Urge que deles se ameie a protecção de cima.

Se o pão da vida é negro e duro, mais duro e negro éle é, estando o seu preço como está — pela hora da morte.

O povo não clama ainda em revolta, é certo, mas presente-se que o desespero já lhe vai roendo as entranhas. E' mais humano que antes de bocas famintas ulularem pão, a consciencia dos homens se manifeste e afirme generosa.

Os gastos que sempre exige a fornada da semana em casa do pobre não são atreitos a estas eventualidades.

Suavize-se, pois, com amabilidade, esta carestia que é um flagelo mortificante e desganhado para os sem-fortuna.

Pão por tam elevado, por tam exorbitante preço, — é pão de miséria, é pão de angústias, é pão de dor.

Modifique esta situação quem possa.

Reclama-o as circunstâncias.

ECOS

Um pelo outro

Sempre que de caciques se fale, não será mau distinguir que há ainda um género de cacique indispensável e útil — como seja aquele cidadão que se interessa pela acção politica nacional, levando aos outros esse mesmo interesse. Dada a indiferença que vai pelo problema da vida pública, e ainda atendendo-se á circunstancia das desigualdades sociais latentes, é evidente que muitas vezes alguns homens se encontram, pela sua condição e pela sua ordem de relações e saber, armados em caciques.

Simplemente enquanto que o cacique profissional desempenha um papel degradante e criminoso á face das leis do País e da consciencia, o cacique providencial é um guia, um amigo e um patriota.

Se o primeiro merece repulsa, o segundo só inspira simpatia — isto pelo menos enquanto a ignorancia, a ingenuidade e o «não te rales» existirem sobre a terra.

?...

Alguém nos pergunta, muito a sério, se existe alguma organização que prove, entre nós, haver partido evolucionista. De positivo a resposta é esta:

— Não há em Guimarães partido evolucionista, porque, em rigor, só escassamente se nos deparará uma ou outra opinião que com o evolucionismo se entenda.

Só uma vez se pensou na possibilidade dum partido evolucionista, entre nós: foi quando se disse que o sr. dr. António José de Almeida ia constituir gabinete. Esperem por outra ocasião igual... e o partido surgirá; estamos certos.

Exposição colejal

A dez do mês de Agosto realisa o antigo e acreditado colégio do Campo da Feira uma exposição de trabalhos que, estamos certos, servirá a patentear no aproveitamento das alunas os merecimentos pedagogicos do seu grupo de senhoras professoras.

A imprensa compete analisar estes certâmens e provas de trabalho, chamando por sua vez para elles a atenção do público, pois sempre é motivo de ensinamento educativo que pela sua qualidade algum bem resulte á familia vimaranense.

Por Lisboa

Os acontecimentos da capital, desenrolados na madrugada de domingo, não se sabe se foram obra de sindicalistas ou de monarquistas, pois bem pode ser que sejam consequência dum e de outros hostilizarem ferozmente o regimen.

E' nesta fita de frustrados planos de desordem pública, se é evidente que a Republica não perece, antes mostra o seu enraizamento no predomínio, certo é também que a repressão a estes cometimentos criminosos tem de ser enérgica, não faltando ao governo o aplauso do país, pois é ele que assim o reclama.

Constata-se, entretanto, este sintoma: — jo de se desdobrarem estes factos de desordem precisamente quando os jornais dão o alerta de movimentos conspiratórios!...

E' isto o que nos parece significativo.

Aos nossos correligionários

Podem as eleições suplementares de deputados não interessar grandemente aos nossos correligionários, atendendo a que não temos nenhuma vaga a preencher no circulo eleitoral; o mesmo, porém, se não dá com as eleições camarárias e paroquiais, sendo, por isso, da mais salutar conveniência partidária que ninguém deixe de tomar interesse na sua inscrição no cadastro do recenseamento.

Que todos cumpram, pois, o seu dever.

PREPARAÇÃO ELEITORAL

Não devem os cidadãos republicanos esquecer-se de que o periodo para a inscrição no recenseamento politico que há de servir nas eleições suplementares (deputados) e administrativas (câmara municipal) terminará no dia 2 de Agosto, e que podem inscrever-se como eleitores, além dos que ficam do anterior recenseamento por terem a capacidade eleitoral exigida pela nova lei, todos os cidadãos do sexo masculino, maiores de 21 anos ou que completarem essa idade até 21 de Outubro

de 1913, inclusivé, que estejam no gozo dos seus direitos civis e politicos, que saibam ler e escrever e residam no território da Republica Portuguesa.

Outros esclarecimentos podem ver-se no edital que pela autoridade administrativa foi mandado afixar e que nós então reproduzimos ao tempo.

E' óbvio todavia acrescer aos nossos correligionários ainda porventura não recenseados, que para maior elucidação e facilidade no preparo dos seus documentos podem consultar a Comissão Municipal (politica) com sede nesta cidade.

Inspeções

«Estão decorrendo com toda a legalidade as inspeções aos mancebos que a elas deviam ser submetidos este ano.

Da parte da respectiva junta, numa alta e dignificante comprehensão do espirito que inspira a lei do recrutamento, tem-se procedido da maneira mais correcta — que é o mesmo que dizer, a mais patriótica.

Outro tanto não se pode dizer de certos «soi-disants» republicanos que desmentem alvarmente os principios que dizem professar e aviltam uma das mais moralizadoras leis da Republica — a do recrutamento — fazendo crer a ingenuos que a eles recorrem que conseguem isenções para mancebos a quem esse triste direito não cabe.

Não se iluda ninguém. Se algum republicano, por mais respeitavel que pareça, o diz, é duas vezes indigno — perante si mesmo e perante aqueles a quem eugana».

Do «Povo de Viana».

Lêmos isto e não resistimos á tentação de o transcrever, porque é a boa doutrina, lamentavelmente na lógica dos factos.

Ninguém ignora que foi como pregão moralizante que nós, os republicanos, nas horas duras da propaganda e proselitismo, dissemos e fizemos acreditar que, após da Republica o triunfo, uma das medidas a ser estabelecida seria a do serviço militar obrigatório, isto é: que tanto o rico como o pobre teriam que servir o Exército, pagando igualmente com a sua permanência nas fileiras esse tributo a que, pelas contingências na defeza do solo pátrio, se convencionou chamar — o imposto de sangue.

E o povo aplaudia-nos, porque o povo achava bem.

Feita a Republica, pelo seu primeiro governo é efectivamente publicada essa lei tam humana e tam justa — do serviço militar obrigatório — e nós todos, os que fizemos a sua apologia na fase do ostracismo, á hora da sua publicação exteriorizamos da maneira mais efusiva e patriótica a nos-

sa alegria, exalçando tam evidente prova de conquista democrática.

E o povo continuava a aplaudir-nos, porque o povo achava bem...

!Mas eis que a mesma lei entra de pôr-se em prática... e a prática, duro é afirmá-lo, não confirma dum modo absoluto e sem sofismas que o serviço militar seja **obrigatório!**

O empenho fervilha ainda, tal e qual como dantes. !E' uma degradação, é uma vergonha!

Se dantes o mancebo era *arrancado às correias*, muitas vezes pelo compromisso do seu voto para todo o sempre, hoje o processo não mudou, pois há ainda quem blasonesse essa importância com os mesmos fins usados pelo repugnante e vulgar cacique do regimen deposto.

E' bem uma exautoração de princípios a miséria que por aí se está presenciando.

Sabem os republicanos que conosco veem da propaganda, que esta corrupção da lei não honra nem prestígia a República, e estamos até em afirmar que muitos dêles, não isentos de culpa, se sentem em sua consciência vexados com o espectáculo; simplesmente estes republicanos se defendem muito mal afirmando que, se não fôrem eles quem *proteja e recomende* mancebos no recrutamento militar, as velhas rapozas de ontem o farão impunes e sem concorrência, estabelecendo assim, pelo favor oferecido, o velho e subjugante predomínio das grandes massas eleitorais.

Dêste modo se patenteia,

com mágua, a ausência duma individualidade moral resistente, pois que quem dessa maneira procede, se procura combater um cacique com outro cacique, que é êle próprio, nem por isso deixa de usar iguais processos, postergando uma das mais simpáticas leis do govêrno provisório.

Não pode ser. Se ao serviço do Exército não convêm o apuramento integral e exacto de todo o mancebo válido, nesse caso, então, modifiquemos a lei. O que não pode nem deve continuar é o apadrinhamento, já nem sequer simulado, que nesta época de inspecções se observa.

Entendemos que se na lei eleitoral existem penalidades tendentes a reprimir aquela antiga coacção, que fazia do eleitorado a carneirada do panúrgio, o mesmo deve succeder quanto àqueles que, arrotando importância, pouco falta que anunciem agência de *livramentos* junto dos senhores delegados das inspecções militares.

Em conclusão, digamos que não será mau ocupar-se e empenhar-se a imprensa neste combate saneante, para de de qualquer maneira se acabar com o irrisório e ultrajantedito, — **de que só se não livra quem não tiver padrinhos!**

Está nisso o prestígio das instituições republicanas, pois coisa feia é que o povo que ontem nos aplaudia, com esperança, já hoje com razão exclame entre indignado e triste... !que tam bom é o diabo como a mãe!...

va rebentou, violenta; e como que todo o largo, então, se sacudiu violentamente.

Foram doze tiros!

II—Flores de papel

Nem a mulher sabia o encanto que para ali trouxe; nem ela o sabia!...

Grande e sábia obra rude de policromia. E ainda mais bela depois que o sol bateu de chapa sobre o lençol florido e suspenso do muro, a meio do escadório, inflamando as côres dos grandes cravos recortados, a trênas de oiro e prata e os papelinhos em bandeira, com as quadras dos namorados.

Ela viera de longe. Era de para lá Barcelos, e passava o ano a expor e vender por feiras e romarias. Para vir ali, áquele Sam Tiago das uvas, tivera em toda a noite de vir galgando a estrada, com os pés batendo a poeira crespa e moída, e a corda do burro metida pelo sovaco e caída, em tempo de estopa, para os dedos.

No escadório da romaria, com o seu lençol furado pelos arames dos cravos amarelos e rosados, de espigos de oiro e prata, ela feirava ao povo que subia em onda de frente à sua figura alta e sêca, côr com a côr luzente e os portmenores engelhados de certas maçãs trigueiras, limpas e penduradas para o Natal. Tinha graça a velhice da feireira, com os seus olhos de contas de azul marinho, a bôca cercada de prégas, o seio abatido sobre a cruz do lençol mouro e pedrez, as saias refegadas na *cinta*, de trança preta e o lenço de chita amarelo abatido sobre a moleira, à napolitana. Com o seu ar zevieiro e o seu sorriso fresco de nova mocidade, que interessante chamando: — Olhe: feire-me um cravo!...

III—O cêgo da rabeca

A Romaria era já uma labareda. Em redor, nos campos, os ramos murchavam sob a ducha constante, mordaz e ígnea, do sol. Além dos campos, ainda, a montanha envolta num vapor azulado de canícula, endurecia, brutalmente parada!

!Era a calma em braza, de Julho, quando as águas minguam e choram baixo, em serpe exausta, pelas areias dos caneiros!...

E debaixo dum dos toldos da ramagem—imensos e abertos, a recordarem a sesta dum exército em campanha—eu vi um homem estranho, tocador ambulante como muitos dêsses que jornameiam por feiras e romagens, para cujos ombros agudos, de cabide, bem logicamente pediria dois corvos—como se êle tivesse sido, pouco antes, o corpo murcho dum condenado, a suspender-se da estaca duma fôrca.

Um buçal—dêstes que mergulham meia aza do bigode em cada caneca vidrada do vinho das ofertas, entre petisqueiros—batia com o cêgo, sobre a barriga, as tripas sonoras dos bordões, mecânicamente. Mas o cêgo, não, não tocava sem que pozesse um pouco de pensamento no zig-zagueado das «voltas». Com os ombros agudos, as pernas agudas, de cegonha, entalava a rabeca ao queixo e como que sobre ela a alma toda, expressa naquela fisionomia triste e parada a que a brancura espasmódica dos seus olhos de cebo, gordos e quietos, davam uma nostalgia maior.

IV—As moças da alfádega

Não, não se queria a alfádega para a levar, sobre a orelha ou na casa da lapela, por entre as ondas do povo, aos tascos da romaria. !Comprada ali, ali mesmo ficaria!... Em ramos verdes, tomados do grande cesto barreleiro, as moças uniam-na ao peito, escolhiam-na sobre o braço, frescas e novas. As suas faces lustra-

vam-se-lhes de mocidade. Judicadas e com uma pancada cara contra a curva preguiçosa do pescoço, as suas argolas de oiro, largas e novas, lembravam-nos Ruth, a moabita, ceifando os trigos doirados. Frescas, de seios altos, o lenço encarnado traçado em cruz, provocante, as ancas largas e fortes, pareciam elas todas as filhas alegres de Ceres, em quem os cabelos castanhos ou de oiro claro pediam as rosas bravas, para uma festa de Abril!

—!Compre-me o ramo de alfádega, para me ajudar, que ainda tenho esta toda!...

Não, não se queria a alfádega para a levar, por entre o povo, atravez a romaria a êsse S. Tiago, cavaleiro galego... !Mas para ali mesmo, sem pudôr, com a alma toda, a mergulhar, lento e lento, sob a *grega* estreita da renda do decote, entre os seios opolentos! Em honra de Pan!

V—O cantil da cortiça

—Vamos à limonada fresca!... E' alto, grosso, usa um chapéu de palha com fita azul, de regar os feijões na horta; e as calças de linho branco, da terra, minguam-lhe sobre as canelas.

Volta e meia entorna o cantil, redondo e forrado de cortiça, sobre o linho das calças, e vasa um líquido de canela para o copo de meio quartilho. !Faz um calor que o abraza!... Então, enquanto o freguez bebe e êle sustem numa das mãos, contra a perna suerguida o cantil, com a outra, amarrando o lenço vermelho, passa-o na frente escaldada, passa-o nas suissas crespas, no pescoço ígneo e forte de touro, no queixo azulado da barba feita, à chegada, no *Sardinha*, em Santa Luzia.

E lançando de novo, ao ombro, o cantil, êle lá volta a galgar a calçada, entre os romeiros:

—Vamos à limonada fresca!...

Alfredo Guimarães.

UMA INICIATIVA PATRIOTICA

MONUMENTO A CAMÕES

Subscrição local

Para que numa praça de Pariz seja erigido um monumento ao maior épico e poeta português, que é glória do mundo inteiro, tomou o Ministério dos Estrangeiros a iniciativa de promover uma subscrição de caracter nacional. Concorde o município vimezanense com esta nobre e superior homenagem do maior cunho patriótico, do mesmo recebemos convite para recolher neste semanário quaisquer importâncias que sirvam, pelo seu significado, a patentear o aplauso da terra de Guimarães á generosissima idea de erguer na grande cidade cosmopolita um monumento ao imortal cantor dos LUSIADAS.

Câmara Municipal.	20\$
Mariano R. Felgueiras.	1\$50
A. L. de Carvalho	1\$
A. O. R.	1\$
Avelino de Faria Guimarães.	50\$
	24\$

Era favor

Desde a rua da República ao lugar da Fonte Santa, alguém perdeu 3 cartas estampilhadas, ainda por abrir.

Se quem as encontrou quizer ser útil ao próximo — ainda até mesmo que por curiosidade as abrisse — era favor entregá-las na casa n.º 154 da rua acima indicada.

2 DIAS EM GREVE

os operários das quatro artes de construção civil

POR CAUSA DO HORÁRIO DE TRABALHO

Os operários tinham razão. Trabalhar 12 horas e mais por dia era sacrificio máximo. O trabalho, assim, era suplicio. Impunha-se, por humanidade, por um direito natural à vida, que as coisas mudassem !? Quem se oporia a que assim não succedesse?! ? Os mestres de quem recebiam minguado salário? ! Ah! êles compreendiam que era esgotante... porque também já foram operários, como êles sentiram quão de pauperante era essa via dolorosa dos «dias grandes» sob um sol de canículas!

Era mister que as coisas mudassem. Como? Apresentando a situação aos mestres e propôr-lhes um novo horário de trabalho. Assim mesmo foi que succedeu.

Deliberado isto em associação da sua classe, buscaram abeirar-se dos mestres—e falaram, cheios de justiça. Estes, na sua maioria, anuíram, bem pensando que nem por muito trabalhar, se trabalha mais. Poupar fôrças é ganhar fôrças.

Demais, era necessário equiparar as horas de trabalho no verão com as horas de trabalho no inverno, para que a actividade de mestres e patrões fôsse empregada e procurada, sem distincção de épocas,—se pudesse ser.

Mas, como sempre succede, alguém reagiu, recorrendo a evasivas. Não foi possível o acôrdo. Daqui nasceu a greve. Era preciso vencer a teimosia dos mestres menos razoáveis. Estabeleceu-se a luta. Quem venceria?

Era isso, já agora, o que iam saber; para tal contavam com a solidariedade dos companheiros. Classe mal associada foi esta, quanto possível, demonstrada. Dois dias durou a greve dos operários das quatro artes dos construtores civis. E diga-se: foi ordeira a atitude dos operários. A autoridade administrativa fêz o resto. Isto é: velou pela ordem e estabeleceu, após algumas conferências entre as duas partes em litigio, o acôrdo.

Venceram os operários? ! Foram os mestres que venceram?

Digamos: todos são dignos de aplauso... se respeitarem, uns e outros, o que selaram com o compromisso da sua palavra.

Acta do acôrdo que pôs termo ao conflito entre mestres e operários da construção civil:

Aos 22 dias do mês de Julho de 1913, nesta cidade de Guimarães e Secretaria da Administração do Concelho, onde se encontrava o respectivo Administrador, cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, perante êle compareceram os mestres de obras abaixo assinados e bem assim a Comissão de Melhoramentos dos Operários das Quatro Artes de Construção Civil, uns e outros como legítimos representantes das suas classes, para acordarem na regulamentação das horas de trabalho, sendo, de comum acôrdo, aceite o seguinte horário:

Nos meses de Abril a Setembro inclusivé, far-se hão as entradas para o trabalho às 6 horas e as saídas às desenove, devendo haver, durante êste tempo, meia hora de descanso para almoço e duas para o jantar.

Nos restantes meses do ano, as entradas e saídas serão desde o ser dia aquelas e estas ao escurecer, havendo meia hora de descanso para o almoço e uma para o jantar.

Ao sábado, a entrada para o trabalho, efectuar-se há respectivamente à mesma hora destas duas

CARTAS LITERÁRIAS

NO S. TIAGO

(CROQUIS)

I—O homem dos mortos

Estamos na Costa às 6 horas da manhã; e a essa altura pouca gente andava por ali, apesar da hora ser a mais bela e a atmosfera, também, ser a mais leve e ligeira.

Mas pouca gente, em verdade. E apenas aqui e ali se ouviam, no silêncio quási monástico da alvorada, as marteladas dos carpinteiros, a armar os toldos; e de ora em vez, lento até ao exagero, o chiar arrastado de um ou outro carro de bois, que arrancavam pela ladeira violenta, sobre o costado, alguma pipa de vinho, para a venda à caneca, pela tarde. E os gaios punham-se a cantar, entre as ramagens largas das carvalhas, aquêle seu motivo em esbôço, como de clarinete. Em redor, então, tal era a frescura mimosa, das árvores verdes ao ceu azul e quieto, que parecia, na doce hora dum prolongamento nostálgico, verem-se os chorões dos longos ramos verdes fazerem, entre pesadas cardas fáceis de orvalhos, a toilette feminina dos seus imensos cabelos verdes...

Pêgas bravas, num corte agudo e largo, atravessavam piando, sobre as árvores frescas...

Foi então, sob êsse prazer inegalável do ceu límpido e na im-

pressão tam intensa duma aragem de cio e carícia, que um cavador corpolento e pitoresco começou a dispor, no primeiro lanço de escadario, os canecos de ferro dos morteiros. Vinha agitado. Da cinta para cima, farta e grossa, a camisa de estôpa, com pregas caprichosas de costureira de aldeia, alvaia-o todo. As suissas, crespas na face e dum corte tratado de caracterização, remoçavam-no de asseio e graça camponeza. Dali, começou logo a dispor os canecos, direitos sobre aquêle incerto primeiro degrau em ruínas, com distancia de metro e terça entre cada um. Dois garotos russos, em cujos olhos azuis as bandeiras da tôrre, lá em cima, se inflamavam com novidade e alegria, ajudavam o rude homem forte na tarefa de anunciar, festivamente, aquella alva azulada de Julho. Os sinos começaram a tocar, harmoniosos, num grande timbre de bronze monástico e nobre, depois que bateram as estivas, húmidas, angelicais três primeiras badaladas religiosas. Estava, nesse momento, o rastilho ligado aos canecos. Um mórão de farrapos, grosso e fumarento, ardia nas mãos do camponez morteiroiro. Abeirou-se. Os rapazes fugiram. Lentos e nobres, os sinos continuavam cantando. A sal-

épocas, e a saída às dezassete, com o mesmo período de descanso, conforme o estabelecido nas épocas correspondentes.

O pagamento dos competentes salários continua a efectuar-se aos sábados (semanalmente) logo em seguida à terminação do trabalho, nos locais que os mestres para tal designarem.

Declararam os mestres que por este motivo, isto é, por os operários se haverem declarado em greve, não diminuiriam aos salários.

Por todos foi declarado, enfim, empenhando a sua honra, que se comprometiam a cumprir integralmente o exposto na presente acta, e mais declararam os mestres de obras que não exerciam qualquer pressão ou vingança sobre os seus operários, pelo facto de se haverem declarado em greve. Esta regulamentação de horas

de trabalho é extensiva a todo o concelho.

Para constar se lavrou a presente acta da qual se vão extrair duas cópias autênticas que serão entregues aos referidos mestres de obras e operários, depois de assinada pelo Meretíssimo Administrador, pelos mestres de obras e operários, e por mim Manoel de Freitas Aguiar, secretario, que a subscrevi.

(Seguem-se as assinaturas.)

Notas:—Os operários exteriorisaram o seu regosijo, fazendo uma manifestação pública e lançando foguetes. Achamos que era preferível, como forma de patentear regosijo, que todos, logo apoz o modesto triumpho, se inscrevessem sócios da Associação...

—A público veio um manifesto dos operários, expondo as causas do movimento.

Gil Vicente Poeta e Gil Vicente Ourives

Como Jerónimo de Almeida não soube ou não quis refutar um só dos argumentos das duas das minhas últimas cartas, e como por isso deu por terminada, «da sua parte», esta discussão, eu, como não tinha que aprender com o que elle viesse a dizer-me e como também me não apetece escrever mais, para ir ensinando os outros gratuitamente ou por amor, sobre este assunto, é aqui também que termino esta tarefa —precisando de o fazer com a declaração de que se houvesse desconfiado ter o meu contendôr tam fracas solas para o caminho... nem sequer tinha principiado...

Alfredo Guimarães.

REPORTAGEM

Cunha & Lemos

Os comerciantes Augusto Inácio da Cunha Guimarães e Eduardo de Lemos Mota organizaram-se em sociedade para continuar a exploração do comércio de tabacaria, papelaria e livraria que o primeiro sinatário vinha exercendo de há muitos anos.

A firma social é aquella que nos serve de epigrafe, e, dadas as qualidades de trabalho dos dois comerciantes e ainda os justos créditos que esta antiga casa gosa, não será de mais que aqui profetizemos a sua boa fortuna.

Automobilismo

Está-se tratando de organizar, por uma comissão de automobilistas, uma corrida de rampa, de Vizela a Lustoza, (alto do relógio), num percurso de 7 quilómetros para o automóvel que pela sua respectiva categoria e cilindrado consiga vencer em menos tempo esta subida tam conhecida por todos os nossos amadores deste género de sport. As provas serão abertas; a inscrição de chauferes amadores e profissionais.

Contam-se já numerosas adesões neste sentido e valiosos prémios a distribuir aos vencedores.

Em breves dias será publicado o regulamento e anunciada a abertura da inscrição aos srs. automobilistas.

Pequenas noticias

Terminaram as inspecções neste concelho.

A comissão do recrutamento seguiu para Felgueiras.

A festa em Campelos, organizada pelos operários da fábrica de fição e tecidos, ali existente, esteve muito concorrida.

Foi encatregado do serviço clinico, no regimento de infantaria 20, o sr. dr. Alfredo Peixoto.

A Associação de Classe dos Operários Cortidores e Surradores, nomeou sócio honorário da Caixa de Socorros, anexa à Associação, o nosso conterrâneo sr. Rodrigo Venâncio da Rocha Viana.

Câmara Municipal

Presentes os cidadãos Leite da Silva, Ferreira Guimarães, Abreu Barbosa, Vitorino Sampaio e Clemente Dias Pereira.

Arrematação

Da obra para a instalação a luz eléctrica no Largo de D. Afonso Henriques, sob a base de licitação de 229.687 réis; foi adjudicada ao cidadão Bernardino Jordão, desta cidade, pela quantia de 220.000 réis.

Projectos aprovados

Da Comissão Distrital de Braga, remetendo, devidamente aprovados, os seguintes projectos:

De reparação e melhoramento do caminho público desde o lugar da Quinta ao Cemitério, da freguesia de Gêmeos, orçada na quantia de 207.000 réis, e do caminho público no lugar do Calquinho, freguesia de Guardizela, orçada na quantia de 200.000 réis; inteirada.

Balanço

Relativo à semana finda, acusa os seguintes saldos: Em depósito na Caixa Económica, 8.000.000 réis; idem, na Caixa Geral de Depósitos, 1.554.889 réis; e em cofre, 1.736.663 réis.

Officios

Do Presidente da Comissão de Administração dos Bens do Estado, comunicando que a Comissão da sua presidência, em sessão de 20 do mês corrente, resolveu autorizar a demolição da cúpula de madeira e cal que encima a torre da igreja da Oliveira, devendo os materiais aproveitáveis ser entregues à guarda da Comissão, e ficando de conta da Câmara todas as despesas com as obras necessárias, tudo sob a fiscalização da comissão concelhia. Resolveu agradecer e mandar proceder à demolição por administração própria.

—Da Comissão Paroquial da freguesia de Lordelo, solicitando a reparação que carece o caminho público municipal que dirige do lugar da rua Nova para a Ponte de Espinho. A' Repartição das obras para elaborar o necessário projecto e orçamento e volte.

—Do Secretário da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, promotora da instrução popular neste concelho, remetendo, em cumprimento do estipulado na condição 9.ª entre a Câmara e a Sociedade, o relatório comprehendendo o movimento e serviços internos. Depois de lido a Câmara proferiu a seguinte deliberação:

A Câmara lamentando que não fosse tomada em consideração a doutrina expandida em officios que a propósito da intrepetação da cláusula 5.ª do contracto entre a Câmara e a Sociedade Martins Sarmiento dirigiu à sua Ex.ª Direcção em 23 de Janeiro, 5 e 26 Fevereiro, com os n.ºs 17, 46 e 162, entende, não ter sido rigorosamente cumprida a referida cláusula, e julga-se, por isso, desobrigada por sua parte do cumprimento do contracto. Que, esta deliberação seja comunicada por officio à Sociedade, a qual subsistirá enquanto esta colectividade não justificar legalmente o seu procedimento, ou não der cumprimento de harmonia com a interpretação da Câmara à cláusula 5.ª.

Agradecimento

Os abaixo assinados, julgam ter agradecido a todas as pessoas que se dignaram cumprimentá-los por ocasião da enorme catástrofe de que foram vítimas na noite trágica de 12 do corrente; mas como, pela grande perturbação de espirito em que se encontravam em tão crítica conjuntura, podessem omitir algum nome, veem, porisso, por este meio reparar essa falta involuntária, porque a todos em geral prestam o seu preito de homenagem e de eterno reconhecimento.

Não podem, contudo, neste seu agradecimento, deixar de especializar a Humanitaria Corporação dos Bombeiros Voluntários, pelo seu arrojô nunca desmentido, empregado nos salvamentos e na extinção do incêndio; à Comissão Administrativa do Asilo de Santa Estefânia, pela sua instalação provisória e de sua familia, neste edificio, e aos seus particulares amigos ex.ªs Joaquim Penafort Lisboa, Luis Dias de Castro, Fran-

cisco Dias de Castro e José de Freitas Costa Soares e ex.ªs familias, pelos cativantes serviços que lhe prestaram em tão critica situação. A todos muito reconhecidos.

Aproveitam o ensejo de publicamente manifestarem o seu profundissimo pesar pela irreparavel perda de duas vidas que aquella enorme catástrofe originou, que pelo seu arrojô e dedicada abnegação ali tiveram um fim tam trágico.

A's desoladas familias dos saudosos extintos enviam o seu cartão de pêsames.

Custódia Ribeiro de F. Martins. Joaquim Martins Guimarães.

O Bazar Turco

O nosso amigo Eduardo Augusto dos Reis Guimarães, do Porto, tem corais verdadeiros, perfeitas imitações de pérolas, bijouteries, pregos para chapéus, travessas, fivelas para cintos, leques, livros de missa, rosários, correntes de cabedal e plaquet, artigos de fantasia em ferro ou metal, medalhas para retratos, botões para punhos, brinquedos para crianças, postais guarnecidos a brilhantina e missanga, etc., que nos afirma vender por preços sem competencia.

Aqui fica o aviso a quem deseje adquirir objectos de bom gosto—alguns mesmo de certo relevo artistico.

E'ditos de 30 dias

No Juizo de Direito desta comarca e cartório do escrivão, abaixo assinado, correram seus termos uns autos de policia correccional que, pelo crime de ofensas corporais, o Ministério Público promoveu contra Augusto Ferreira, solteiro, tecelão, da freguesia de Sam Cristóvão de Cima de Selho, desta mesma comarca, mas actualmente ausente em parte incerta; pelo que correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se depois da segunda e última publicação deste anúncio, citando o referido Augusto Ferreira para, no prazo de dez dias, posterior ao dos mesmos editos, pagar ao Estado a multa de quinze dias, à razão de cem réis por dia, ou sejam, segundo o novo sistema monetário, dez centavos, em que foi condenado por sentença de 25 de Setembro de 1911, proferida no mencionado processo, ou nomear bens a penhora bastantes para o seu pagamento, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao Magistrado do Ministério Público, seguindo-se os demais termos, até final da execução que lhe promove o mesmo Magistrado.

Guimarães, 17 de Julho de 1913.

Verifiquei a exactidão.
O Juiz de Direito,
P. de Rezende.
O escrivão do 4.º officio,
Joaquim Penafort Lisboa.

Ação de divórcio

Por sentença deste Juizo de Direito, de 21 de Junho passado, foi autorizado o divórcio de Maria Emilia e António Fernandes da Costa, moradores na rua da Liberdade, desta cidade, com o fundamento no n.º 4 do artigo 4.º do decreto de 3 de Novembro de 1910, o que se publica para os efeitos legais.

Guimarães, 19 de Julho de 1913.

O escrivão do 6.º officio,
João Joaquim de Oliveira Bastos.
Verifiquei.
P. de Rezende.

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitre, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

Inquilinos e suínos... de mistura

Sr. Director da «Alvorada»

Tendo lido no último número da «Alvorada» uma carta que lhe foi dirigida por um forasteiro pedindo a sua atenção para uma viela contígua à rua do Gravador Molarinho, que exala um cheiro insupportável, proveniente duns porcos que lá chafurdam na imundície, eu venho associar-me a essa petição, porque desejo torná-la um pouco mais extensiva.

O forasteiro, indicando apenas essa viela, ignora, certamente, as centenas de suínos que, mais ou menos occultos, existem na cidade.

A minha petição torna-se mais extensiva, porque desejaria que v. não abandonasse o caso enquanto dentro da cidade existisse um só suino que fôsse.

Focos de infecção todos nós sabemos que existem, pelo menos um em cada casa, o que tarde ou nunca se poderá evitar em Guimarães.

Porém, consentir que a estes se reünam outros, de mais a mais sujeitos a multa, revela desmazêlo ou falta de competência da parte de quem os deveria evitar.

Veja v. se consegue que a Câmara Municipal tome a seu cuidado tão urgente assunto, que eu, então, posso afirmar que o remédio será eficaz.

E' esta a impressão que tenho ao ver que ela tem cortado por onde tem talhado, sem receio da critica ou de melindres pessoais, no intuito unico de conseguir o embelezamento da cidade.

Guimarães, 20—7—913.

Um vimezanense.

Uma resposta apreciável a propósito da Avenida Cândido Reis

Sr. Redactor da «Alvorada»

Li no seu muito apreciável semanário «Alvorada», de 17 de Julho corrente, um apêlo à minha humilde pessoa para que, pelo menos, a Avenida Cândido dos Reis seja concertada a tempo de receber condignamente os forasteiros que se dignarem concorrer às Festas da Cidade. E, com a sinceridade e franqueza que me são peculiares, declaro-lhe que acho de toda a justiça que se faça o que nesse apêlo se indica.

Sou natural de Guimarães, e, como o mais patriota vimaranense, sinto em mim uma grande veneração pela terra que me viu nascer e um desejo ardentissimo de a ver caminhar sempre na vanguarda do progresso.

Devo, porém, declarar a v. que as minhas atribuições como fiscal das Obras Públicas, ou Chefe de Conservação, não teem tam ampla latitude como à primeira vista parece pela leitura do respectivo Regulamento, antes, como da própria designação—fiscal—se depreende, são limitadissimas essas atribuições. E assim, o fiscal das Obras Públicas, além do trabalho intelectual do gabinete e do trabalho material, mas extenuante no que diz respeito puramente à fiscalização, apenas se limita a cumprir ou fazer cumprir as ordens dos seus illustres superiores.

Estou certo que estes, assim como eu, teem os milhiores desejos de acertar no cumprimento dos seus respectivos deveres profissionais, mas também estou certo que nem sempre esses deveres podem ser cumpridos por nos faltar aquilo que v. muito bem conhece como essencial à satisfação desses desejos.

E' o que presentemente lhes acontece.

Esgotada desde há muito a verba orçamental que para reparação e conservação das estradas do distrito de Braga foi superiormente votada, temos alguma coisa feito a custa de esforços e sacrificios próprios e do trabalho braçal do mal remunerado cantoneiro.

No entanto, para mostrar a v. o prazer que sinto em ser-lhe agradável, venho declarar-lhe que autorizo a v. ou a ex.ª Comissão Municipal do Concelho de Guimarães, ou ainda a qualquer outra entidade, a remover da Avenida Cândido Reis todo o saibro que por ocasião do circuito do Minho ali foi deitado, na certeza de que mandarei auxiliar esse serviço por um ou dois cantoneiros e pelo respectivo cabo.

E' isto unicamente o que posso fazer a v. por ser também unicamente isto o que, no caso presente, está dentro das minhas atribuições.

Saúde e Fraternidade.

Vizela, 21 de Julho de 1913.

O chefe da 3.ª secção de conservação,

Fernando de Sousa Ribeiro Abreu.

Instituto Médico-Dentario

Rua Formosa, 331 — PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM **Guimarães**

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS
(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA
PLATINA E CIMENTO
DENTES A PIVOT
OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO
COROAS DE OURO
LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

Sapataria Vimaranense

— DE —
António José Mendes
5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)
GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Horário dos comboios

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam, entre Guimarães e Trofa, as partidas e chegadas no Porto; e entre Guimarães e Fafe designam as partidas e chegadas em Fafe. O percurso entre Vizela e Guimarães ou vice-versa, oscila entre 16 (comboio rápido) e 20 minutos (ordinário).

PARTIDAS

De Guimarães para a Trofa

- * 5,51—Diário. Liga, 20' depois, com o Porto (C. 8,56) e cruza, 1,17' depois, com o Minho (P. 7,44).
- 8,16—Idem.—Rápido. Liga, 14' depois, com o Porto (C. 10,30) e cruza, 16' depois, com Braga e Valença (P. 8,45).
- 10,49—Dias úteis. Liga, 36' depois, com o Porto (C. 13,22).
- 13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Porto (C. 16,39) e cruza, 11' depois, com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,18).
- * 17,07—Idem.—Correio. Liga, 12' depois, com o Porto (C. 19,56); e cruza, 1 h. 10' depois, com Valença e Braga (P. 18,44); com o sul, de Campanhã, às 20,03.
- * 19,57—Dias úteis. Liga, 12' depois, com o Porto (C. 23,04).
- * 21,30—Domingos e dias feriados. Liga, 15' depois, com o Porto (C. 23,56).

Para Fafe

- 8,17—11,34, Correio.—9 e 17,52—Diários. (C. 9,13—12,28—e 18,47).
- 22,—Dias úteis.—(C. 22,53).
- 10,17—9 e 21,36—Domingos e dias feriados. (C. 11,13—e 22,32).

CHEGADAS

Da Trofa a Guimarães

- * 8,07—Diário. Liga com o que, 44' antes, ali chega do Porto (P. 4,30).
- * 9,44—Dias úteis. Liga com o que ali chega do Porto (P. 7,26) e cruza ali, 32' antes da partida, com Valença, e Braga (C. 8,56).
- * 10,12—Domingos e dias feriados. Liga com o que, 11' antes, ali chega do Porto (P. 7,44).
- * 11,27—Diário.—Correio. Liga com o que, 12' antes, ali chega do Porto (P. 8,43) e cruza ali, 15' antes da partida, com o Minho e Póvoa (C. 10,30).
- * 17,44—Idem. Liga com o que, 1 h. 5' antes, ali chega do Porto (P. 14,18) e cruza ali, 16' antes da partida, com o Minho (C. 16,39).
- 19,14—Dias úteis.—Rápido. Liga com o que, 8' antes, ali chega do Porto (P. 17,10).
- * 21,29—Domingos e dias feriados { Ligam com o que, 12' e 29' antes, ali chega do Porto (P. 18,44) e cruzam ali, 1 h. 19' e 1 h. 29' antes da partida, com o Minho (C. 19,56).
- * 21,51—Dias úteis.

De Fafe

- 5,43—8,08, Rápido—13,21—9 e 16,58—Diários. (4,50—7,15—12,28—e 16,05).
- 21,19—Domingos e dias feriados. (P. 20,23).

Apadeiros

- * Paragem de 1' em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem na Madalena e Covas.
- Idem na Penha e Cepães.
- Idem em Cepães.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista **Manuel Jesus de Sousa**

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgicos pelo método de Pasteur.

Livraria editora

GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A dama das Caméllas, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Muret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Porto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Últimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dôr universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII e IX. Amores de Fabulas.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadíssimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

Interesses no Brazil

de advocaci aem Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Porto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Porto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hospício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura	Preço das publicações
Ano 1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha 40 "
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, ano (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Número avulso 30 "	Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Do Cidadão